This document was translated from English by machine and may contain mistakes. The English original is at https://www.novaracg.com/2026/06/13/the-fifth-parameter-issue-003-the-scale-dilemma/.

THE FIFTH PARAMETER | Edição 003 | O Dilema da Escala

Heather Grizzle · June 13, 2026

Innovation can solve accessibility problems, but scale alone cannot earn public trust. Why governance and stewardship decide what comes next.

Ao longo dos últimos meses, um tema recorrente começou a emergir nas conversas em torno das tecnologias de língua gestual, da inovação em acessibilidade e da inteligência artificial. Independentemente de a discussão ter origem no meio académico, na indústria, no governo ou em espaços comunitários, os participantes acabam inevitavelmente por chegar à mesma conclusão: é preciso mais. Mais investigação. Mais investimento. Mais infraestrutura. Mais conjuntos de dados. Mais participação. Mais inovação. Para comunidades que passaram décadas a lutar por reconhecimento, acesso e inclusão, este sentido de urgência é compreensível. Poucas pessoas desejam tornar-se obstáculos ao progresso, sobretudo quando os avanços tecnológicos parecem capazes de resolver barreiras persistentes há gerações. No entanto, por trás deste entusiasmo coletivo esconde-se um pressuposto que merece uma análise mais atenta. Cada vez mais, o setor da acessibilidade parece estar a adotar uma crença que se tornou fundamental na indústria tecnológica em geral: a de que a escala é, por si só, inerentemente benéfica e que sistemas maiores produzem inevitavelmente melhores resultados.

Este pressuposto não surgiu no seio das comunidades de acessibilidade. Surgiu de um ecossistema tecnológico moldado pela economia de plataformas, pelo capital de risco, pelos efeitos de rede e pelo desenvolvimento orientado por dados. Ao longo das últimas duas décadas, algumas das empresas tecnológicas mais influentes do mundo alcançaram a dominância ao perseguir o crescimento a uma velocidade extraordinária. A lógica predominante tornou-se simples. Mais utilizadores geravam mais dados. Mais dados produziam sistemas mais capazes. Sistemas mais capazes atraíam mais utilizadores. O sucesso tornou-se sinónimo de expansão, e a expansão tornou-se sinónimo de progresso. À medida que estes pressupostos se espalhavam pelo setor tecnológico, transformaram-se gradualmente de escolhas estratégicas em artigos de fé. As

questões sobre a escala deixaram de ser debatidas porque a própria escala se tornou o objetivo. Hoje, quando os defensores da acessibilidade discutem conjuntos de dados maiores, implementação mais ampla ou inovação acelerada, fazem-no frequentemente dentro de um quadro que foi em grande parte herdado de uma indústria cujas prioridades não foram necessariamente concebidas em torno dos direitos das pessoas com deficiência, da responsabilização comunitária ou da gestão pública.

O apelo da escala não é difícil de compreender. As tecnologias de língua gestual enfrentam um verdadeiro desafio de recursos. Os investigadores citam frequentemente a disponibilidade limitada de conjuntos de dados linguísticos de alta qualidade. As organizações lutam para garantir financiamento sustentável. Os projetos operam muitas vezes em ambientes fragmentados, onde trabalho valioso é duplicado, isolado ou abandonado quando as prioridades institucionais mudam. Em comparação com as tecnologias de línguas faladas, os ecossistemas de língua gestual permanecem significativamente carentes de recursos. Nesta perspetiva, os apelos a conjuntos de dados maiores e a um desenvolvimento mais rápido parecem racionais e necessários. Se as tecnologias de acessibilidade quiserem alcançar uma adoção mais ampla, é preciso que exista infraestrutura suficiente para as sustentar. Se as comunidades quiserem beneficiar da inovação tecnológica, essas inovações têm primeiro de existir. Poucos observadores razoáveis contestariam estas realidades. O problema não é o desejo de crescimento. O problema é a tendência de tratar o crescimento como se fosse a única variável que importa.

O problema não é o desejo de crescimento. O problema é a tendência de tratar o crescimento como se fosse a única variável que importa.

A história sugere que os ecossistemas tecnológicos raramente permanecem neutros à medida que crescem. A infraestrutura não se limita a apoiar a atividade; ela molda-a. As organizações que constroem infraestrutura ganham frequentemente influência sobre os padrões, as prioridades e os processos de tomada de decisão que surgem em torno dela. As redes de transporte moldam o comércio. As redes de comunicação moldam os fluxos de informação. As plataformas digitais moldam a participação no discurso público. Em cada caso, a conversa inicial centrou-se muitas vezes na capacidade. O que pode este sistema fazer? Quantas pessoas pode servir? Com que rapidez se pode expandir? Só mais tarde surgiram questões mais amplas relativas

à responsabilização, à governação, à representação e ao interesse público. No entanto, quando essas questões foram finalmente colocadas, as instituições já se tinham formado em torno da própria infraestrutura. A dependência já se tinha instalado. A conversa deslocou-se da conceção dos sistemas para a gestão das suas consequências.

O setor da acessibilidade encontra-se agora numa posição rara. Ao contrário de muitas transições tecnológicas anteriores, continua a existir a oportunidade de discutir estas questões enquanto a infraestrutura fundamental ainda está a ser construída. Este momento não deve ser visto como uma escolha entre inovação e governação, nem deve ser reduzido a um debate entre quem favorece a rapidez e quem favorece a cautela. Tal enquadramento simplifica excessivamente o desafio que temos pela frente. A questão mais importante diz respeito à gestão responsável. Como podem as comunidades de acessibilidade incentivar a inovação, assegurando ao mesmo tempo que as estruturas que surgem em torno dessa inovação permaneçam responsáveis perante as pessoas a quem se destinam servir? Como podem as organizações perseguir a escala sem permitir que a própria escala se torne a única medida de sucesso? Como podem as comunidades participar no desenvolvimento tecnológico sem ceder gradualmente uma influência significativa sobre os sistemas que estão a ser construídos em seu nome?

> **A QUESTÃO DA GESTÃO RESPONSÁVEL**
>
> Como podem as comunidades de acessibilidade incentivar a inovação, assegurando ao mesmo tempo que as estruturas que surgem em torno dessa inovação permanecem responsáveis perante as pessoas a quem se destinam servir?

Estas questões são particularmente importantes porque as tecnologias de acessibilidade ocupam uma posição única na sociedade. Ao contrário de muitas tecnologias de consumo, os sistemas de acessibilidade estão frequentemente entrelaçados com os direitos civis, a educação, o emprego, os cuidados de saúde, a comunicação e a participação pública. O seu sucesso não pode ser medido exclusivamente através de métricas de adoção, curvas de crescimento ou referências técnicas. As tecnologias de acessibilidade têm sucesso quando ampliam oportunidades, reforçam a inclusão e apoiam uma participação significativa na sociedade. Alcançar esses resultados exige mais do que capacidade técnica. Exige estruturas de governação capazes de manter a confiança,

preservar a responsabilização e garantir que os interesses das comunidades permaneçam visíveis muito depois de o entusiasmo em torno da inovação se ter dissipado.

O futuro da acessibilidade exigirá, sem dúvida, conjuntos de dados maiores, infraestrutura mais sólida e avanços tecnológicos contínuos. Sobre este ponto não deveria haver grande desacordo. O desafio mais difícil é garantir que a busca pela escala não substitua silenciosamente os valores que tornaram necessária a defesa da acessibilidade, em primeiro lugar. À medida que as tecnologias de acessibilidade continuam a amadurecer, a questão decisiva pode não ser se conseguimos construir sistemas maiores. Pode ser antes se conseguimos construir sistemas que permaneceram dignos da confiança pública depois de alcançarem escala.

TIPS

Know something about a sign language AI system that the public should know? Send it to tips@novaracg.com. Every tip is read by me and kept confidential. If you work in the UK, writing to us is not by itself a protected disclosure under the Public Interest Disclosure Act 1998, so before you share employer information, check your options with Protect (protect-advice.org.uk), the free whistleblowing advice line.

SUPPORT NCG

NCG does this work without vendor money, so our findings stay ours. If it has been useful to you, you can support NCG's independent work here. NCG is a for-profit company, not a charity. Contributions are not tax-deductible and buy no service or influence.

Como citar

Grizzle, H. M. (2026, June 13). THE FIFTH PARAMETER | Edição 003 | O Dilema da Escala. Novara Consulting Group. https://www.novaracg.com/pt/2026/06/13/the-fifth-parameter-issue-003-the-scale-dilemma/